



AS CARTAS DE SANTUZZA: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO "PETITS BLEUS" DO JORNAL *A IMPRENSA* (RIO DE JANEIRO, 1900)

Lerice de Castro Garzoni *

1. Introdução

Entre fevereiro e abril de 1900, o jornal *A Imprensa*, cujo diretor-chefe era o advogado Rui Barbosa, publicou uma seção intitulada “Petits Blues”. Escrita em francês, ela foi inicialmente composta pelas cartas que Santuzza destinava à “Mme. X” ou à “Mlle. Z”. Cartas pequenas, como os telegramas vindos em papéis azuis, o que remete ao título da série. O objetivo dessa colaboradora, provavelmente ficcional, era responder dúvidas e distribuir conselhos às mulheres que, supostamente, haviam enviado cartas à redação. O primeiro texto da série nos dá uma idéia de alguns dos temas abordados. Nela, Santuzza consolava uma correspondente que havia sido abandonada pelo marido:

La faute de cet abandon n'appartient qu'à votre maladresse ou plutôt au manque de connaissance de ces petits recoins du coeur qui échappent, pendant les premiers mois du mariage, à l'enquête d'une jeune épouse. Vous vous trompez toutes sur le rôle de celle qui vient de sacrifier ses fleurs d'oranger sur l'autel de l'Amour légal, reconnu par le code et béni par l'Église (...) Vous croyez fini votre rôle de coquette maintenant qu'il commence à peine (...) Il vous faut être l'amant de votre mari avec tous ces refluxes, toutes ces cajoleries, tous ces frissons de petite chatte qu'il va chercher ailleurs¹

Santuzza assume uma posição diferenciada da "jovem esposa" a quem ela se dirige. Tratava-se de uma mulher experiente e, portanto, capaz de alertá-la sobre como recuperar seu marido e manter o casamento. Independente dos acordos legais ou religiosos, a mulher teria uma função importante, no sentido de permanecer no seu papel de “coquette” e ser a amante de seu próprio marido. Sem isso, a traição do marido seria inevitável e constituiria uma falta da própria esposa. Assim, sem poder se fiar de pactos estabelecidos publicamente, segundo as regras do Estado e da Igreja, as mulheres deveriam mobilizar estratégias de foro íntimo, a fim de garantir algum controle sobre a situação.

Porém, conscientizar a "jovem esposa" de seu papel de "coquette" seria uma estratégia, no mínimo, ambígua. Prova disso está na recomendação feita ao fim da carta, sugerindo a leitura de *Lettres de Femmes*, de Marcel Prévost². Publicado em Paris em 1892, o livro, como a coluna

* Doutoranda em História Social pela UNICAMP, Campinas –SP. Pesquisa financiada pela Fapesp. Agradeço a Cristiana Schettini por me alertar sobre a crítica feminista a Habermas e a Maria Clementina Pereira Cunha pelo apoio.

¹ *A Imprensa*, “Petits Blues”, 22/02/1900.

² Marcel Prévost. *Lettres de femmes*. Paris: Arthème Fayard Éditeur, s.d. O autor(1862-1941) iniciou sua carreira de romancista em 1890, sendo eleito para a Academia Francesa de Letras em 1909. Ele colaborou na revista feminina



analisada, era composto por cartas escritas por mulheres, sendo que cada carta se referia a uma personagem diferente e um contexto específico. Há desde jovens inexperientes, ansiosas por conhecer os segredos conjugais (“Deux Innocents”) até aquelas que sabem como seduzir os rapazes com “les yeux de vierge” (“Le Petit Bordeaux”). Há também mulheres mais velhas que aconselham as jovens (“Le choix d’un amant”) ou intervêm para proteger suas sobrinhas ou netas (“Un confesseur”). Inúmeras são as referências aos amantes, com a descrição de mulheres que traem seus maridos (“Dévouement”) ou que são cortejadas por outros homens (“Grâce!”) e, inclusive, por mulheres (“Au Cabaret”).

A indicação da leitura vinha com o alerta que deveriam ser escolhidos somente os contos que conviessem à honestidade. A seleção pressupunha a leitura do conjunto, o que conduzia as leitoras a um universo de sensualidade e de múltiplas possibilidades de vida conjugal. Ficava claro que para ser “coquette” seria preciso perder a ingenuidade e tomar conhecimento dos prazeres e desventuras mundanas, sobretudo no que tange às experiências sexuais. Pelas mãos de Santuzza e Prévost, por meio da imprensa e da literatura respectivamente, as jovens educadas para o casamento entravam em contato com outra dimensão da esfera íntima, que não era abordada abertamente nos conselhos familiares ou manuais formais de educação³.

Cartas fictícias publicadas no jornal, mulheres (irreais?) que não encontram garantias nos contratos públicos e parecem precisar de conselhos para enfrentar essa situação, introdução aos “petits recoins du coeur” por meio das páginas de um jornal. A seção “Petit Bleus” nos expõe um jogo entre público e privado que nos ajuda a compreender alguns aspectos da presença feminina nos jornais de grande circulação na capital brasileira da virada do século. Apesar de tão focada no que se poderia chamar de um “universo feminino”, não seria correto pensar essa seção como algo independente do jornal, como uma pequena “revista feminina” incrustada em um contexto ao qual fosse indiferente ou simples reprodução de modas ou textos franceses.

Isso fica ainda mais evidente com a estréia os textos assinados por Suzette, que passam a compor o conteúdo da série a partir de 16 de abril de 1900. Diferente de Santuzza, não aconselhava, mas escrevia a respeito de temas diversos, estabelecendo diálogos com outras colunas d’*A Imprensa*

Femina, publicada em Paris a partir de 1901, com uma seção intitulada *Lettres à Française*, cujas colaborações seriam reunida em livro homônimo em 1902.

³ O próprio Prévost assume o papel de conselheiro, nos moldes convencionais, de jovens ao colaborar na revista feminina *Femina*, publicada em Paris a partir de 1901, com uma seção intitulada *Lettres à Française*, cujas colaborações seriam reunida em livro homônimo em 1902. O livro ainda teria continuação com *Lettres à Française Mariée* e *Lettres à Française Maman*.



ou suscitando reações dos colegas de outras folhas⁴. Após a entrada de Suzette, Santuzza também passa a escrever crônicas sobre atualidades, com particular atenção a assuntos políticos. Assim, a seção levava os leitores a se interessarem por outras partes do jornal e vice-versa. Tendo em vista o jogo entre público e privado, vamos acompanhar algumas discordâncias entre as colaboradoras sobre a presença feminina no espaço público. Em seguida, discutimos brevemente alguns aspectos do trabalho de Habermas sobre o conceito de "esfera pública" e como suas reflexões podem nos auxiliar no trabalho de análise documental. Discutimos, enfim, os sentidos da participação feminina nas folhas cariocas de grande circulação do início do século XX, tendo em vista as características desse tipo de imprensa.

2. Santuzza, Suzette e outras mulheres no espaço público

O fato de vir escrita em francês revela a preferência por um público educado e requintado que, como as colaboradoras, tinham a França como modelo de civilização. Essa postura favorável pela modernização da cidade *à la française* pode ser observada em uma das crônicas de Suzette, em que ela defende o alargamento da rua do Ouvidor⁵. A crônica também é uma evidência da preocupação das autoras no que tange à presença feminina em espaços públicos, o que é retomado em outros textos da série. Suzette convoca os jornalistas a defenderem a causa de uma bela rua, à altura da beleza e do charme das "moças galantes do Rio".

Como vimos na análise da primeira carta da série, o formato epistolar favorece o tom de intimidade e confissão. É sobretudo Santuzza quem adota o modelo de cartas, que acolhe as angústias íntimas de leitoras e retribui com o partilhar sua experiência. Dos 21 textos que compõem a série, 15 são de autoria de Santuzza, sendo seis cartas que seguem esse protocolo. Em pelo menos duas ocasiões, é a própria autora quem faz confissões, falando sobre seus sentimentos e tristezas⁶. Não raro, ao analisar as demandas de suas leitoras, ela também sugere o retiro e a introspecção, a fim de que reflexão solitária do problema possa conduzir a uma decisão acertada⁷. No que tange à exposição pública, Santuzza também tende a tomar partido pela discrição:

L'élégance, le charme, la séduction d'une silhouette de femme n'ont rien à voir avec la richesse de la toilette. (...) le secret de la vraie élégance doit trouver sa source en vous même, dans votre plastique et votre cerveau (...) Je vois souvent des jeunes dames jolies comme un coeur, provocantes comme une fraise et cependant habillées avec une simplicité que défie toute accusation d'affichage. D'autres que dépensent des sommes folles,

⁴ Ver, por exemplo, "Petits Blues", 10/03/1900 e "Sombrinhas", 12/03/1900.

⁵ "Petits Blues", 09/03/1900.

⁶ "Petits Blues", 04/03/1900 e 19/04/1900.

⁷ "Petits Blues", 24/02/1900 e 01/03/1900.



provoquent la risée et les quolibets de tout homme intelligent et bien élevé. Si vous avez un mari ou un frère, une personne intime, consultez-les toujours avant de prendre une résolution sur votre toilette. Les hommes en sont toujours les meilleurs juges, comme nous les sommes aussi de ce qui les regarde.⁸

A autora recomenda um olhar masculino para que se evitem exageros, o que não impede que as mulheres continuem sendo bonitas e provocantes, ainda que sem abusar da "toilette". Essa mesma linha parece ser seguida por Suzette no momento em que ela defende o fim do uso do chapéu, principalmente nos teatros, já que prejudicavam a visão de outros telespectadores⁹. Ela lembra que o chapéu é o mártir dos preconceitos de lei e de sociedade das mulheres. Então, se as leitoras precisavam de conselhos para lidar com suas inseguranças íntimas, as autoras estendiam esse pressuposto se estendia à questão de sua presença no espaço público. Nesse contexto, Suzette assume uma posição adota uma posição uma pouco mais condescendente em relação à Santuzza, dispensando, por exemplo, o uso de vestidos pretos durante a Semana Santa¹⁰.

Ainda assim, a presença das mulheres no espaço público continua sendo visto como um problema e como objeto de debate. A tendência em associar a presença masculina ao espaço público, relegando as mulheres ao privado, pode ser datada de tempos imemoriais¹¹. Para os historiadores, a questão é como os sujeitos de cada época histórica trabalham e ressignificam essa divisão que não apenas distancia, mas hierarquiza as funções de homens e mulheres. Nessa tarefa, quais seriam os aportes teóricos que poderiam ser mobilizados para se aproximar desse problema?

3. "Esfera Pública", Habermas e historiadores

Em 1962, Habermas publicou o livro *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, baseado em seu trabalho de doutorado, que havia sido avaliado por professores das universidades de Frankfurt, como Max Horkheimer e Teodoro Adorno, e de Marburg, especialmente por Wolfgang Abendrot, a quem o livro foi dedicado. No livro, Habermas define o conceito de esfera pública tal qual ele foi

⁸ "Petits Blues", 17/04/1900.

⁹ "Petits Blues", 08/03/1900.

¹⁰ "Petits Blues", 16/04/1900.

¹¹ Ver Pateman, Carole. *O Contrato Sexual*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, .1993. A autora critica o trabalho de filósofos dos séculos XVII e XVIII que trabalham com a idéia de "contrato social", sem levar em conta a questão do gênero. Porém, desde a Antigüidade Clássica é possível observar esse contraste, o que seria observado, segundo Nancy Fraser, nas etimologias das palavras público (relacionado a púbis) e testemunha (relacionada a testículo), sugerindo que apenas aqueles que têm pênis podem falar em público. Fraser, Nancy. "Rethinking the Public Sphere: A contribution to the critique of actually existing democracy" in Calhoun, Craig (editor) *Habermas and the public sphere*. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 1992, p.114.



concebido no século XVIII, assim como a sua degeneração a partir a partir do século XIX, em decorrência da intervenção estatal na "questão social" e da ascensão da cultura de massa¹².

Traduzido para o inglês em 1989, o livro foi amplamente debatido entre acadêmicos norte-americanos que se questionavam sobre a participação democrática na sociedade contemporânea, particularmente as estudiosas feministas. Desde 1974, um resumo das idéias centrais do livro já circulava entre estudiosos e militantes de diversas partes do mundo graças à tradução para o inglês do artigo "A esfera pública: um artigo enciclopédico" publicado originalmente em 1964¹³. Muitas foram as críticas feitas ao trabalho de forma geral, sendo que o próprio autor retomou e reelaborou algumas questões em análises posteriores.

Do ponto de vista dos historiadores, também é possível mapear algumas das leituras críticas ao conceito de "esfera pública". Tendo em vista a ênfase de Habermas na questão da historicidade do conceito, muitos especialistas do século XVIII, partindo de evidências empíricas, debateram essa construção, particularmente aqueles que tematizaram a Revolução Francesa. Nesse sentido, encontramos referências ao conceito de "esfera pública" nos livros de Robert Darnton, Roger Chartier, Mona Ozouf, François Furet, Keith Baker, entre outros¹⁴. Mesmo historiadores que pesquisaram sobre outros períodos históricos também mantiveram diálogos explícitos com o autor. Assim, para apontar as lacunas de sua análise, como o silêncio sobre do substrato de gênero da "esfera pública burguesa clássica"¹⁵, ou para agregar novos elementos à interpretação, como a existência de múltiplas esferas públicas em um dado momento histórico¹⁶, estudiosos e estudiosas trouxeram a análise de Habermas para o campo da historiografia.

De forma muito breve, gostaria de apontar duas questões em relação ao trabalho de Habermas que me parecem bastante pertinentes à análise proposta no presente texto. Essas questões remetem à segunda parte do livro, em que o autor discute a degradação da "esfera pública burguesa". A primeira delas se refere à tendência de Habermas em apresentar de forma mais

¹² Para uma análise mais cuidadosa do contexto de produção do livro de Habermas e seus argumentos, ver a introdução do livro organizado por Craig Calhoun. Calhoun, Craig (editor) *Habermas and the public sphere. op.cit.*, pp.1-48.

¹³ Habermas, Jürgen "The Public Sphere: An Encyclopedia Article (1964)". Translated by Sara Lennox and Frank Lennox. in *New German Critique*, No. 3 (Autumn, 1974), pp. 49-55. Logo no início do artigo, há a definição da "esfera pública burguesa clássica": "By the 'public sphere' we mean first of all a realm of our social life in which something approaching public opinion can be formed. Access is guaranteed to all citizens. A portion of the public sphere comes into being in every conversation in which private individuals assemble to form a public body".

¹⁴ Sendo que, esses três últimos, segundo Dena Goodman, apesar de influenciados por Habermas, adotam uma perspectiva pós-moderna, com foco na "cultura política". Goodman, Dena. "Public Sphere and Private Life: Toward a Synthesis of Current Historiographical Approaches to the Old Regime" in *History and Theory*, Vol. 31, No. 1 (Feb., 1992), pp. 1-20.

¹⁵ Joan B. Landes. *Women and the Public Sphere in the Age of the French Revolution*. Nova Iorque: Ithaca, 1988.

¹⁶ Ryan, Mary P. *Women in public: between banners and ballots, 1825-1880*. Baltimore: Johns Hopkins University Press: 1990.



complexa a relação entre público e privado no capitalismo de "bem estar social", ou seja, no momento em que o Estado interfere de maneira mais incisiva na sociedade, no sentido de conter as demandas sociais, o que difere radicalmente do modelo liberal clássico.

O autor emprega os conceitos de "lifeworld" e "system" a fim de distinguir diferentes escalas do público e do privado. Essa nova formulação, assim como todo o trabalho, ignora a divisão sexual do trabalho e o fato de conceitos como "trabalhador" e "consumidor" serem estabelecidos a partir de critérios de gênero, que são tão pertinentes quanto os critérios econômicos envolvidos nessas categorizações¹⁷. Por outro lado, essa abordagem que complexifica os próprios conceitos de "público" e "privado", assim como as relações entre essas esferas, me parece como um alerta importante aos historiadores em seu trabalho empírico. Como, afinal, os sujeitos históricos lidam com essa complexidade de conceitos que, longe de serem rigidamente definidos, influenciam e são influenciados pela dinâmica social?

O outro ponto que gostaria de enfatizar é o papel da imprensa e da literatura nessa fase de capitalismo "organizado". Segundo Habermas, a imprensa tem um papel fundamental no momento de configuração da "esfera pública clássica burguesa" quando a confecção de jornais políticos diários amplia a circulação de idéias, alimentando o debate em torno do "bem comum". Porém, a partir da segunda metade do século XVIII, os jornais mudam seu caráter e, de disseminadores de notícias e idéias, passam a ser formadores da "opinião pública", não mais orientados pelo "bem comum", mas por interesses privados de grupos específicos. Controlada por empresários, a imprensa de massa manipula a opinião e, com isso, colabora no processo de degradação da "esfera pública". Da mesma forma, os romances de outrora que, a exemplo de *Pamela* de Richardson, circulavam visões sobre a sentimentalidade burguesa, se convertem em fenômeno de massa no século XIX, sendo desvirtuados em meros objetos de consumo.

Nesse aspecto, é visível a influência da Escola de Frankfurt e de sua visão extremamente negativa dos meios de consumação de massa. Vale lembrar que essa era a avaliação de muitos dos críticos oitocentistas que viam com extrema desconfiança o sucesso de autores como Balzac e Sue entre os leitores populares¹⁸. Importante destacar que esses autores publicaram vários romances em formato de folhetins, ou seja, no rodapé das folhas de jornais. Então, imprensa e literatura se confundem nos novos jornais e partilham, na visão de Habermas, a mesma decadência em relação aos seus papéis de outrora. Porém, estudos mais recentes, como o livro já citado de Judith Lyon-

¹⁷ Para essas críticas, ver Fraser, Nancy "What's Critical about Critical Theory? The Case of Habermas and Gender" in *New German Critique*, No. 35, Special Issue on Jurgen Habermas (Spring - Summer, 1985), pp. 97-131.

¹⁸ Lyon-Caen, Judith. *La lecture et la vie. Les usages du roman au temps de Balzac*. Paris: Tallandier, 2006.



Caen, mostram que é preciso relativizar a idéia de que os jornais de massa manipulam a opinião pública, mostrando a diversidade de leituras possíveis a partir de um mesmo texto. Assim, agregar as questões do campo conhecido como "história da leitura" à crítica de Habermas me parece um ponto promissor.

Mas, além disso, gostaria de enfatizar que, seguindo tendências recentes e, nesse ponto se distanciando da Escola de Frankfurt, Habermas data a emergência dessa cultura de massa a partir no século XIX¹⁹. Segundo ele, na era de capitalismo "organizado", há apenas resquícios da "esfera pública clássica" e, nesse sentido, a imprensa, assim como os meios de comunicação em geral, teria uma função relevante no que poderíamos chamar de "esfera pública" degradada. Nas palavras de Habermas:

Today newspapers and magazines, radio and television are the media of the public sphere. We speak of the political public sphere in contrast, for instance, to the literary one, when public discussion deals with objects connected to the activity of the state. Although state authority is so to speak the executor of the political public sphere, it is not a part of it. To be sure, state authority is usually considered "public" authority, but it derives its task of caring for the well-being of all citizens primarily from this aspect of the public sphere.²⁰

Os jornais, assim como outras mídias, teriam o papel de promover o debate em torno do "bem comum" que condiciona e confere legitimidade às decisões das autoridades públicas. Assim, temos estabelecida uma relação próxima entre a imprensa e o "bem comum". Mas, como lidar com esse aspecto quando, na visão do próprio Habermas, interesses públicos e privados se confundem na confecção dos jornais? O autor parece identificar tensões que, ainda que não resolvidas em sua abordagem teórica, podem auxiliar na formulação de questões para o trabalho empírico dos historiadores. Afinal, quais as especificidades dessa imprensa de massa a partir do século XIX? Qual o papel dos leitores nesse processo? Como são retratados interesses públicos e privados? Quais as ligações desse produto jornalístico com a política?

4. Santuzza e Suzette não estão sozinhas

Como vimos, Santuzza e Suzette comentam a presença feminina no espaço público, fornecendo evidências sobre as diversas formas de se apropriar dessa questão e os múltiplos sentidos dessa presença. Mas, entre "toilettes" e chapéus, há espaço para falar de política? Ou essas colaboradoras, assim como suas leitoras, estão relegadas aos assuntos leves e sem relação com a administração pública? Podemos argumentar, com base no que foi exposto até o momento, que o

¹⁹ Mollier, Jean-Yves. "Le parfum de la Belle Epoque" in Rioux, J. P. et Sirinelli, J. F. *La culture de masse en France de la Belle Epoque à aujourd'hui*. Paris: Fayard: 2002, p. 72-115.

²⁰ Habermas, Jürgen "The Public Sphere: An Encyclopedia Article (1964)", *op.cit.*, p. 49.



próprio fato de falar de mulheres no espaço público constitui, em si, uma questão política. Em alguns momentos, as colaboradoras conseguiram associar essa abordagem com sutis críticas aos políticos, fazendo menções aos rumos das reformas urbanas levadas a cabo pela municipalidade, os casos de corrupção na câmara dos deputados e, inclusive, a aparência física de um senador²¹.

Para avançar nessa discussão, vamos acompanhar o diálogo de Suzette com outro companheiro de redação que assinava por Jacques Bonhomme e mantinha a seção "Carteira de um jornalista". No dia 08 de março de 1900, ele publicou uma crônica sobre o jornal francês *La Fronde*, folha diária cuja peculiaridade era ser administrada e totalmente confeccionada, da redação à oficina tipográfica, por mulheres²². Jacques Bonhomme celebrava o jornal, lembrando a estranheza que provocou entre os contemporâneos:

Política, administração, noticiário, arte, teatros, crônica judiciária, questões filosóficas, folhetim, nota do dia, tudo isto que constitui a engrenagem complicadíssima de uma folha moderna, apareceu com um talento, um bom senso, uma verve, um propósito que deixaram toda a gente boquiaberta. (...) Em política, *La Fronde* é radical e republicana, partidária intransigente da paz interna e das boas relações internacionais (...) todos os assuntos que se prendem à questão feminista e aos princípios liberais, encontravam nessa excelente folha uma defensora cheia de talento e de dedicação.

Assim, na apreciação de Bonhomme, *La Fronde* não apenas reunia todas as características necessárias para ser considerada uma folha moderna, como o fazia com muita qualidade. Ao falar do posicionamento político do jornal, ele ressalta a questão do feminismo e foi justamente esse gancho que Suzette aproveitou para "reivindicar a autonomia das mulheres nas esferas literárias e científicas", o que ela chama de "emancipação intelectual" da mulher²³. A partir dessas considerações, ela passa a combater alguns argumentos antifeministas em voga à época, como o argumento de que, se as mulheres estudassem e assumissem trabalhos qualificados, a reprodução humana ficaria comprometida, ameaçada de extinção.

Se o jornal das francesas inflamava Suzette, a realidade tupiniquim era outra. Mas isso não impedia que mulheres – ou colaboradoras caracterizadas como femininas, já que não sabemos sobre sua existência real, nem sobre seu gênero – falassem sobre assuntos diversos, inclusive sobre a situação política do país. Nesse sentido, dois textos de Santuzza, publicados nos dias 11 e 23 de março de 1900, são bastante relevantes, justamente porque trabalham, de forma irônica, com o

²¹ "Petits Blues", 09/03/1900 (alargamento rua do Ouvidor), 01/03/1900 (deputados), 08/03/1900 (sobre o longo pescoço do senador Quintino Bocaiúva).

²² Sobre esse jornal, ver Coquart, Elizabeth. *La Frondeuse: Marguerite Durand, patronne de presse et féministe*. Paris, Payot: 2010.

²³ "Petits Blues", 10/03/1900.



assunto que ocupava as primeiras páginas do noticiário daquele mês de março: a tentativa de restauração monárquica, batizada de "Pavorosa" pelos órgãos da imprensa.

Os jornais diários da cidade do Rio de Janeiro, assim como outras partes do mundo, tratavam de assuntos diversos e reuniam diferentes colaboradores. Não raro, esses escritores divergiam entre si e, em uma única folha, poderíamos encontrar opiniões bastante contraditórias. No caso d'*A Imprensa*, havia uma linha editorial bem definida, marcada pelo posicionamento do republicano Rui Barbosa. Diariamente, era publicado um artigo do eminente advogado e pode-se considerar que o jornal fornecia publicidade às suas idéias, assim como se beneficiava por contar com um diretor-chefe tão ilustre. Por ocasião da "Pavorosa", Rui Barbosa se posicionou contra o governo pois, apesar de compartilhar a militância republicana, considerava os métodos de investigação em relação aos suspeitos eram exagerados e violentos. Os colaboradores adotaram a mesma postura e, nesse contexto, é interessante notar que Santuzza assume o posicionamento do jornal no qual colabora e se mostra integrada e solidária aos colegas de redação.

Todos esses casos nos permitem concluir que Santuzza e Suzette não estavam sozinhas e não dialogavam apenas entre si. Nos seus escritos, participavam ativamente do jornal, conversavam com outros colaboradores e, inclusive, com feministas do outro lado do Atlântico. Elas não se restringiam a assuntos supostamente femininos e, mesmo quando o faziam, não se conformavam à esfera privada. Santuzza e Suzette publicizavam, à sua maneira, as tensões do jornalismo, da política e da sociedade carioca naquela virada de século.

5. Considerações finais

Devido a problemas financeiros, *A Imprensa* encerra suas atividades em abril de 1900, o que determina o fim da seção "Petit Bleus". O jornal foi reaberto em agosto daquele mesmo ano, quando uma nova tentativa de mesclar textos em francês, público feminino e assuntos política é feita. Inicialmente, a seção "Croquis Politiques", assinada por Iwan d'Hunac, tinha o objetivo de tratar de forma leve e descontraída a vida política do país. Meses mais tarde, esse mesmo colaborador passa a assinar a seção "Petits mots du matin", na qual escreve como se estivesse publicando as cartas que dirige a sua prima Yvette, na França, mantendo os assuntos políticos, adaptados interlocação feminina.

A seção mantém esse formato até anunciar, no início de 1901, que "mon adorable cousine Yvette me prie (pour moi c'est un ordre), d'ouvrir une section de lettres féminines sur l'actualité



des modes”²⁴. A partir de então, a seção ganha o subtítulo de “Lettres féminines” e passa a publicar cartas que, supostamente, teriam sido enviadas pelas leitoras. Após a publicação de quatro cartas, Iwan comunica à prima que a idéia não funcionou, conclusão que parece estar relacionada à conjuntura do jornal, que encerra definitivamente suas atividades em março de 1901.

Seria esse novo experimento uma evidência de que "Petit Bleus" havia sido uma série de sucesso entre os leitores? Mas quem, afinal, seriam esses leitores? A última carta da série nos aponta caminhos interessantes, nos alertando contra qualquer simplificação. Trata-se, afinal, de uma carta dirigida a um homem, Monsieur X.:

Je vous ai déjà dit plus d'une fois que je ne suis pas le confident des hommes, mais la confidente des pauvres femmes qui, comme moi, ont beaucoup souffert et appris dans la triste experience de la vie, dans le froissement continuel des coeurs ses petits secrets quis nous font écrié de temps en temps dans une pamoison de douleur: si jeunesse savait... si vieillesse pouvait... Malgré tout cela je vais faire une exception pour vous²⁵.

Com certa impaciência, Santuzza respondia ao homem sobre sua vida sentimental, lembrando que sua função era ser a confidente das mulheres. E por que elas precisavam desse espaço para expor dúvidas e problemas pessoais? Segundo a colaboradora, por causa de tudo aquilo que lhes era escondido na sua educação e que, dolorosamente, elas aprendiam ao longo da vida. Já os homens, educados de uma forma diferente, dispensariam a exposição pessoal nesses termos. Mas a presença de M. X entre os leitores de Santuzza nos mostra que, uma vez publicado, era difícil controlar quem lia o que e, sobretudo, como esses textos eram lidos²⁶. A idéia de que os artigos sobre política eram lidos pelos homens e os textos literários pelas mulheres estava colocada à prova pela própria constituição da série "Petit bleus", cujos textos reuniam assuntos diversos, mesclando ficção e realidade, notícias e intimidade.

Ainda gostaria de argumentar que essa multiplicidade dos temas tratados e do formato dos textos (que variam de cartas a noticiários, passando por crônicas), tão característica da imprensa diária da virada do século, nos permite observar como diferentes sujeitos se apropriavam de identidades de gênero naquele momento histórico. Ao ampliar o número de leitores, a imprensa diversificava os assuntos e incorporava novos colaboradores e, com isso, o controle sobre as leituras feitas era cada vez menor. Nesse contexto, o jogo entre público e privado que observamos na série em questão se reproduz em outras partes do jornal, com características diversas. A narrativa de

²⁴ *A Imprensa*, “Petits mots du matin”, 10/01/1901.

²⁵ “Petits Blues”, 25/04/1900.

²⁶ Nesse ponto, me contraponho às idéias apresentadas em Thiesse, Anne-Marie. *Le Roman au quotidien: lecteurs et lectures populaires à la Belle Époque*. Paris: Éditions du Seuil, 2000. Segundo a autora, "la lecture du journal est en effet éthiquement connotée. Souvent interdite aux enfants (surtout dans les familles catholiques pratiquantes), elle est aussi plus ou moins refusée aux femmes". (p.13).



crimes sensacionais, por exemplo, conferia publicidade às intimidades dos envolvidos, sendo que quanto mais ricos os protagonistas, maior seria o destaque da notícia. Em geral, os pobres tinham sua vida pessoal diariamente exposta nas pequenas notas das seções policiais.

O que chama a atenção é que os limites entre o que é público e o que é privado, assim como as fronteiras entre o que deve ser caracterizado como masculino e aquilo que deve ser entendido como feminino, estavam em constante redefinição e renegociação nas páginas do jornal. É importante destacar que esses debates não eram travados em campo neutro, uma vez que os limites entre público e privado eram encarados como uma questão eminentemente política. Da mesma forma, que os leitores, em contato com as notícias sobre a situação política do país, formavam suas próprias opiniões e perspectivas particulares sobre o que seria um futuro melhor.